

Ano 20 • Número 26 • 02 de julho de 2018

**Brasil fechou 341,6 mil empresas em três anos, diz IBGE**

---

**Cresce o número de idosos que deixa de se aposentar**

---

**Paralisação dos caminhoneiros derruba a confiança da indústria gaúcha**

---

**Crise dos caminhoneiros impactou a indústria gaúcha em maio**

---

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Brasil fechou 341,6 mil empresas em três anos, diz IBGE

Na semana passada, o IBGE divulgou as estatísticas referentes ao Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), que reúne dados de empresas e outras organizações (administração pública e entidades sem fins lucrativos) formalmente constituídas no país, registradas no CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Sua atualização ocorre anualmente e com dois anos de defasagem, a partir das pesquisas econômicas anuais do IBGE, nas áreas de Indústria, Comércio, Construção e Serviços, e de registros administrativos, como a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho.

De acordo com o levantamento, em 2016 havia pouco mais de 5,05 milhões de empresas e outras organizações ativas no país, o que representa uma queda de 6,3% na comparação com 2013, quando o número chegou a 5,39 milhões – pico da série iniciada em 2006. Portanto, em três anos (2014-2016), em meio à grave crise econômica, o país teve 341,6 mil empresas e organizações fechadas. Quanto à natureza jurídica, houve perda de entidades empresariais (-299,2 mil) e de entidades sem fins lucrativos (-43,0 mil), enquanto aumentou o número de organizações da administração pública (+499).

Olhando-se apenas para as entidades empresariais nesse período, entre os setores da economia, o Comércio foi o mais afetado, com perda de 262,2 mil empresas, um recuo de 11,9%. Em segundo lugar, a

Indústria de Transformação apresentou 37,6 mil fechamentos, o que corresponde a uma diminuição de 8,4% de seu estoque, para 409,0 mil empresas em 2016.

Como uma das consequências do fechamento de empresas e organizações, o total de ocupados caiu 6,8% entre 2013 e 2016, o que representa um contingente de 3,75 milhões de empregados a menos. Por natureza jurídica, a maior perda foi verificada em entidades empresariais (-3,39 milhões), seguida por empregos em organizações públicas (-362,0 mil). Por outro lado, houve aumento da ocupação em entidades sem fins lucrativos (+1,5 mil).

Entre os segmentos empresariais, o setor secundário foi o mais afetado: a Indústria de Transformação, com perda de 1,26 milhão de trabalhadores, apresentou o pior resultado, seguida de perto pela Construção, que viu seu contingente de trabalhadores se reduzir em 1,16 milhão. O Comércio, que apresentou o maior fechamento de empresas, é o terceiro colocado e aparece bem atrás com perda de 687,2 mil ocupados.

Portanto, os resultados recentes do cadastro do IBGE, que abarcam todo o período recessivo brasileiro, consolidam o estrago que a crise trouxe à economia do país, em especial ao setor privado. Serão necessários vários anos de crescimento para o Brasil recuperar, ao menos em parte, os empregos e empresas destruídos.

## Cresce o número de idosos que deixa de se aposentar

Recentemente, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgou sua carta de conjuntura referente ao segundo trimestre de 2018. Na área dedicada ao mercado de trabalho, em termos gerais, a principal ideia que pode ser tirada é de que os dados apresentam certa estabilidade, dando margem a dúvidas quanto ao ritmo e a qualidade da recuperação recente. No entanto, na mesma seção, há um box interessante que analisa a dinâmica dos trabalhadores mais idosos no mercado de trabalho, o qual será explorado aqui.

Segundo o estudo, que se baseou em dados da PNAD Contínua/IBGE, os brasileiros estão adiando cada vez mais a decisão de aposentadoria e provocando, dessa forma, um aumento do contingente de pessoas com mais de 60 anos de idade na força de trabalho. Entre os ocupados, o total de trabalhadores com mais de 60 anos apresentou trajetória diferente das demais faixas etárias ao longo dos últimos anos. Com exceção do ocorrido no segundo e terceiro trimestres de 2016, a população ocupada dessa faixa etária vem se expandindo, com ritmo mais significativo a partir de 2017, a taxas entre 7% e 8% ao ano.

De acordo com os autores, as investigações sugerem que o crescimento dos mais idosos na força de trabalho não ocorre por conta do aumento do número desses

trabalhadores que estão saindo da inatividade e retornando ao mercado de trabalho, mas porque vem recuando a parcela de idosos que decidem sair da força de trabalho e ir para a inatividade, independente de estarem ocupados ou não.

Na desagregação dos dados, a maioria dos trabalhadores idosos era do sexo feminino (56%) e se declarou chefe de família no primeiro trimestre deste ano (63%). Ademais, 45% trabalhavam por conta própria e 27% estavam ocupados no mercado formal. Em termos setoriais, eles estavam em sua maioria no Comércio (17%), na Agricultura (15%) e em serviços de Educação e Saúde (10%).

Além disso, apesar da maior dificuldade desses trabalhadores para conseguir se reempregar, o estudo mostra que a parcela de idosos que se mantinha ocupada durante todo o trimestre saltou de 80% para 83% entre 2012 e 2018. Por fim, ressaltaram que a participação desse grupo no total da ocupação cresceu de 6,3% em 2012 para 7,8% em 2018, refletindo também o envelhecimento da população brasileira.

Portanto, as mudanças demográficas já começaram a aparecer nos dados do mercado de trabalho e demonstram que o país deve se adequar a essa nova realidade, principalmente em termos previdenciários.

## Paralisação dos caminhoneiros derruba a confiança da indústria gaúcha

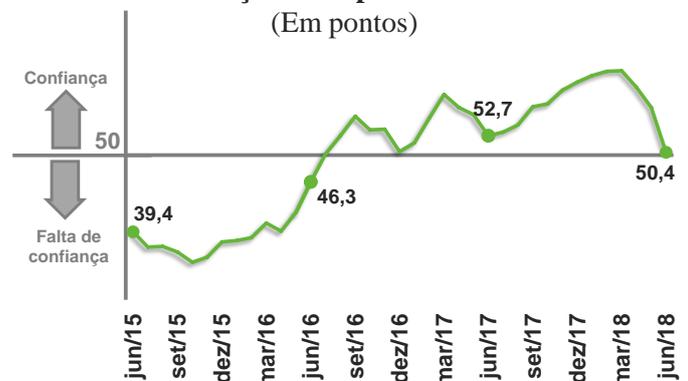
O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI/RS) em junho caiu 6,2 pontos em relação a maio, a terceira redução seguida, para 50,4 pontos, próximo a marca neutra de 50 pontos que separa a presença da falta de confiança. Essa foi a mais intensa queda desde fevereiro de 2015, que levou o índice ao seu menor nível desde julho de 2016.

O Índice de Condições Atuais teve o maior recuo, com 11,0 pontos: de 50,7 pontos em maio para 42,8 em junho. Os empresários gaúchos não percebiam piora nas condições atuais, expressa pelo índice abaixo dos 50 pontos, desde agosto de 2017. O resultado foi influenciado principalmente pelo componente relativo à Economia Brasileira, cujo índice recuou 15,6 pontos e chegou a 35,1 pontos em junho. O Índice de Condições Atuais das Empresas também mostrou forte contração: -8,6 ante maio, alcançando 46,8 pontos. A dimensão dessas quedas só encontra paralelo em janeiro de 2009.

As perspectivas dos empresários gaúchos para os próximos seis meses foram igualmente revistas para baixo. O Índice de Expectativas de junho recuou 3,8 pontos sobre maio, para 54,1, mas seguiu na faixa de otimismo. Sobre as expectativas para a economia brasileira incidiram as revisões mais profundas, com o otimismo cedendo lugar ao pessimismo: diminuição de 53,4 para 46,6 pontos. Já o Índice de Expectativas sobre as empresas recuou de 60,5 para 58,0 pontos entre maio e junho, mantendo-se no campo positivo.

A confiança da indústria gaúcha, que já vinha caindo desde abril de 2018 em virtude do ritmo econômico abaixo do esperado, do abandono da Reforma da Previdência, da indefinição política e do quadro externo mais conturbado, sofreu um choque negativo com a paralisação dos caminhoneiros. De fato, além dos efeitos econômicos diretos, o principal impacto do movimento foi elevar a incerteza já fortemente instalada na economia brasileira. A solução encontrada pelo governo para o impasse, impondo à sociedade, principalmente à indústria, a conta com aumento de impostos, tabelamento do frete e subsídios, agravará os problemas de competitividade do setor e das contas públicas. A confiança mais baixa deve resultar em menor investimento e menos emprego, tornando a recuperação da indústria gaúcha ainda mais lenta e incerta.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS



Fonte: FIERGS.

## Crise dos caminhoneiros impactou a indústria gaúcha em maio

A Sondagem Industrial do RS de maio mostrou que a paralisação dos caminhoneiros impactou fortemente a atividade, os estoques e as expectativas, principalmente para o emprego e os investimentos.

O indicador de produção de maio de 2018 registrou o valor mais baixo para o mês da série histórica iniciada em 2010: 37,7 pontos, o que significa a maior queda em relação a abril desde então. Já o indicador de emprego atingiu 48,7 pontos, mostrando a primeira redução mensal do emprego no ano. Os indicadores variam de zero a 100 pontos, sendo que valores abaixo de 50 representam queda na comparação com o mês anterior.

A utilização da capacidade instalada (UCI) caiu seis p.p. em maio e atingiu 63%, bem abaixo dos históricos 70,0% para o mês. No mesmo sentido, o índice de UCI em relação ao usual recuou 9,9 pontos para 35,7 em maio: a maior queda da série iniciada em 2010. O valor bem abaixo de 50 pontos revela UCI bem abaixo do normal no mês. Nesse caso, quanto mais abaixo dos 50 pontos, mais distante a UCI está do nível usual e, portanto, maior é a ociosidade.

Os empresários gaúchos também reportaram grande acúmulo de estoques indesejados em maio: o índice de estoques em relação ao planejado ficou 54,2 pontos, o maior patamar desde abril de 2015 (55,1 pontos). Ainda

que de forma mais branda, a crise dos caminhoneiros também afetou as expectativas dos empresários gaúchos para os próximos seis meses. Os índices vão de 0 a 100. O nível de 50 pontos divide expectativas de crescimento (acima) e de queda (abaixo). O indicador de demanda registrou o segundo recuo consecutivo (-0,6 pontos), atingindo 56,4 pontos em junho, mesmo valor alcançado pelo índice de quantidade exportada (-0,5 pontos). No caso das compras de matérias primas, o índice foi de 54,3 pontos. Todos, portanto seguem projetando crescimento.

Ao aumentar a incerteza, os maiores impactos da greve foram nas expectativas de emprego e na intenção de investir. O primeiro índice caiu de 49,1 para 48,1 pontos entre maio e junho, o que projeta queda mais intensa nos próximos seis meses.

Por sua vez, a crise atingiu com mais ênfase ainda a propensão dos empresários em investir: o índice para os próximos seis meses passou de 53,1 pontos em maio para 49,6 em junho, o menor desde setembro do ano passado. O indicador varia de zero a cem pontos. Quanto menor o índice, menor é a propensão para o investimento. Abaixo de 50, revela que a proporção de empresas que não pretende investir (52,2%) supera a parcela das que tem a intenção (47,8%).